



Pesquisa e Educação na Contemporaneidade: Perspectivas Teórico-Methodológicas  
Caruaru, 13 e 14 de setembro de 2012

**Eixo Temático-1. Educação, diversidade cultural e processos de produção de desigualdades.**

## **O PAPEL DA MÍDIA E DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DO ALUNO JOVEM E ADULTO NEGRO**

**Autora: Elizabeth Maria da Silva**

**Universidade Federal de Pernambuco- CAA - PPGEDUC**

### **Resumo**

Este artigo buscou refletir sobre a problemática da relação mídia e escola no processo de identidades raciais, afinal, nossos alunos enquanto espectadores assíduos dos programas midiáticos, estão expostos a processos identitários o que justifica a necessidade de estudos nessa temática. Tais estudos podem ajudar a compreendermos como as questões de identidade racial são vistas na escola, como a mesma lida com esse assunto, e de que forma a mídia e escola podem contribuir para a autonegação identitária do ser negro. É com o objetivo de responder estes questionamentos que esta pesquisa está sendo desenvolvida. Inicialmente tendo como aporte teórico os estudos sobre identidade e raça, mídia e educação, como metodologia, pretendemos utilizar a pesquisa qualitativa e entrevista em profundidade com alunos negros de Educação de Jovens e Adultos de uma escola pública municipal de Caruaru. O enfoque teórico inicial nos permitiu responder algumas questões preliminares; a escola é percebida como um dos lugares de formulação das identidades dos sujeitos e a mídia; ao invisibilizar a pessoa negra e representá-las negativamente podem contribuir para que estas, não aceitem o seu grupo étnico.

**Palavras-chave: Identidade racial; Escola e Mídia; Educação de Jovens e Adultos**

### **INTRODUÇÃO**

Sabe-se que com o surgimento da televisão novos valores vêm sendo disseminados na cultura Brasileira contemporânea, dentre eles, o de branqueamento (MUNANGA, 1999, SCHWARZ, 2001 E FERREIRA, 2007). Embora havendo vários debates sobre ações afirmativas e leis contra o racismo e o preconceito racial, os programas televisivos e a mídia em geral trazem, ainda, em sua maioria, o negro em condições de inferioridade, seja na telenovela, comerciais, filmes ou nas diversas mídias.

É neste sentido que as imagens construídas sobre os afros descendentes, no Brasil, são produzidas no interior de uma sociedade que, querendo-se harmônica e

democrática, não pode esconder que lida mal com a cor que tem. Por esse motivo, as imagens depreciativas sobre os negros precisam ser reiteradas por estereótipos que asseguram aos não-negros as qualidades negadas aos “de cor” (FONSECA, 2001).

Os estereótipos determinados pela grande mídia seguem a cultura do branqueamento, excluindo a pessoa negra, à medida que inferioriza esta e supervaloriza aquela. A mídia brasileira intensifica este estereótipo ao reservar aos personagens de profissões de não reconhecimento social (empregada, babá) ou simplesmente de traficante, ladrão e suburbano às atrizes ou atores negros.

Dessa forma a criança negra cresce vendo sua cor sendo comparada ao que é ruim, feio, sujo e a mídia alimentando, maciçamente, a sua inferioridade. O negro vê sua imagem sendo depreciada, e sua auto-estima sendo dia-a-dia subtraída. Por outro lado, a sociedade brasileira continua alimentando, diariamente, a condição de desvalorização em que vive o negro, apesar de várias políticas de reparação terem sido implantadas. Esta forma de definir papéis a pessoa negra, pode contribuir para uma autonegação identitária da população do país, e ligado a isto segue preconceito racial camuflado, a rejeição pela cor preta, minuciosas piadas com o negro e o modelo europeu de beleza imposto pelos meios de comunicação (TV) o comportamento da mídia imposto à sociedade e venerado pela grande mídia, seguindo para uma transformação do negro no diferente, feio e menos inteligente.

Estudo de Fernandes (2007) confirma o que acima mencionamos ao observar que a formação da identidade nacional desde a década de 30 do século XX foi direcionada para transformar o Brasil numa nação branca e europeizada. Por muito tempo acreditou-se que o negro seria um atraso para o país. Essa visão conformou junto com outras estratégias políticas o que se consolidou como o discurso da democracia racial no Brasil. Como afirma o autor

Sob a égide da idéia de democracia racial justificou-se, pois, a mais extrema indiferença e falta de solidariedade para com um setor da coletividade que não possuía condições próprias para enfrentar as mudanças... (FERNANDES, 2007, p. 47).

Nessa perspectiva, compreender as questões do ponto de vista da produção identitária tem significativa relevância em nossa investigação. Fomos dialogar com estudos recentes nesse campo, a exemplo dos estudos de Hall (2006), Ferreira (2008), Paixão e Carvano (2008) que tratam de concepções de identidade e de identidade racial

na sociedade moderna. Contudo, é em Hall (2007) que encontramos a conceituação de identidade que melhor respondeu ao nosso problema de pesquisa. Para ele a identidade é formada e transformada de acordo como somos representados nos sistemas culturais que nos basearemos para o estudo de identidade deste trabalho (HALL, 2007, p.12-13). A essa conceituação de Hall vamos associar a formulação de Sodré (1998) quando diz que a identidade se constrói pulsionalmente, no quadro de um estranhamento subjetivo, interno, mas principalmente a partir de imagens externas que circulam na sociedade midiaticizada em todas as formas industriais possíveis (SODRÉ, 1988, p. ).

Na minha experiência como professora de Educação de Jovens e Adultos (EJA), em várias situações, presenciei momentos de auto-negação identitária ( MUNANGA, 1999, FERREIRA, 2007). E essas atitudes vindas dos próprios alunos negros. Numa das situações quando em uma aula falei: “nós que somos negros”, uma aluna me pediu a fala e interrogou: *“Professora! Por que a senhora esta me chamando de negra? “Eu não quero ser parecida com o que somente é comparado com o que não presta”!*

A partir dessa observação me veio a pergunta: Por que estes alunos negam a sua identidade racial, se a maioria tem características da raça negra? Com base neste questionamento e de pesquisas que já havia desenvolvido com o tema “A influência da mídia (telenovela) na Educação Escolar de Jovens e Adultos”<sup>1</sup> e a “Representação do negro no jornal de Pernambuco: Uma análise crítica”<sup>2</sup> decidi desenvolver a pesquisa em tela sobre o papel da mídia e da escola na construção da identidade do aluno jovem e adulto negro. O objetivo é identificar quais os elementos utilizados pela escola e pela mídia para lidar com as questões de raça, uma vez que estes são espaços de construção e desconstrução de identidades.

Nesta pesquisa a escola tem um papel fundamental no que se refere à produção de identidades multidimensionais, especialmente de raça. Nesse sentido, nos associamos a Carvalho (2004) quando afirma a partir de um diálogo com Muchail (2005) que a

Escola funciona através de um poder polimorfo que envolve operações de classificação, avaliação, recompensa, punição, estabelecimento de normas, produção de saberes, vigilância e registro de saberes e de geração de outros saberes, inclusive extracção de saberes de indivíduos e de elaboração de saberes sobre esses indivíduos (CARVALHO, 2004, p. 285).

---

<sup>1</sup> Pesquisa apresentado, em 2007, no curso de jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco.

<sup>2</sup> Monografia apresentada ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Católica de Pernambuco para obtenção do título de graduação em comunicação social com habilitação em jornalismo.

A mídia pode ser entendida como “o equipamento técnico que permite aos homens comunicar a expressão de seu pensamento quaisquer que sejam a forma e a finalidade desta expressão” (BALLE, 1995). Segundo Gonnert (1997, p. 16) existem várias tipos de mídias que se referem às instituições, gêneros e técnicas. Estudos recentes, no entanto, indicam que a mídia tem papel relevante na produção de identidades sociais e culturais (FISCHER, 2003, SCHWARCZ, 2001, KELLNER, 2001, MUNANGA, 1999, SODRÉ, 1996).

## **MÍDIA, EDUCAÇÃO E IDENTIDADE: UM DEBATE EMERGENTE**

Mídia, educação e identidade é um tema que, timidamente, vem ocupando espaço no debate educacional brasileiro. Neste contexto alguns estudos e pesquisas vêm discutindo como a mídia e escola podem contribuir na construção de identidades sociais e culturais. Pesquisa realizada por Chagas (1996) afirma que a auto-estima, base para a construção de uma identidade satisfatória, no grupo negro, é construída através de atributos e categorizações que lhes são conferidas (...). A identidade do negro é atribuída, externamente, com base nos estereótipos criados pelo dominador e introjetados pelo grupo negro. E os meios de comunicação é um dos principais responsáveis por isto. Desde a infância presenciamos a diferenciação nas diversas mídias.

Nessa direção, o nosso trabalho intenta levantar as publicações dos últimos dez anos sobre este tema na ANPED e no banco de teses da CAPES, que inclui a produção da UFPE também para que, em consonância com o nosso projeto de pesquisa, permita-nos dialogar com alguns autores e autoras sobre a temática em questão.

Com o surgimento da televisão novos valores vêm sendo disseminados na cultura Brasileira contemporânea pelos programas televisivos dirigidos a jovens e adultos. Por se tratar de um veículo de massa, acelerou e propiciou na comunicação destes, uma nova realidade de vida.

A mídia faz o papel de destaque na vida das pessoas e dentre todos os meios de comunicação a que os jovens têm acesso na contemporaneidade, o de maior destaque é a televisão. Com isso programas dirigidos a este tipo de telespectador, exibem temas pertencentes ao “universo desejado”.

“Imagem é tudo” \_ esse é o conselho que ouvimos todos os dias: é preciso não apenas ser, mas “parecer ser”; e se não pudermos ser, que

nos esforcemos para parecer, e isto pode bastar, porque cultivar a imagem (de si mesmo; de um produto, de uma idéia) mostra-se como algo tremendamente produtivo. (FISCHER, 2003, P.28)

Desta forma, se faz necessário identificar como a mídia pode influenciar, negativamente, para as pessoas e como estas lidam e “aplicam” isso às suas vidas.

Para Fischer (2003) as indústrias das diversas mídias têm o alvo certo, é feito para alguém concreto e real. E quando se trata de crianças, jovens e adultos e do seu processo de cognição do conteúdo transmitido pela TV, à linguagem oral tem seu papel coadjuvante, mas quem ganha posição principal na construção mental dos jovens é a linguagem das imagens. Visto que, os efeitos da modernidade e da contemporaneidade, trazem conteúdos inovadores cheios de atrativos para esses indivíduos, em diversas faixas etárias. E estes podem se tornar uma referência na constituição da identidade desses indivíduos, em um momento histórico, caracterizado pela descartabilidade da era globalizada, que dita modelos identificatórios e interfere nas relações interpessoais.

A apresentadora Xuxa é um bom exemplo: ela mesma, como figura individual, e todo o aparato de seus programas, há mais de 20 anos diariamente na televisão brasileira, não cessam de interpelar públicos de todas as idades, preferências sexuais, gêneros, classes sociais. Gostemos ou não dela- e da parafernália dos cenários, dançarinas e sons alucinantes, intimidades confesadas, no divã da apresentadora, milagrosas transformações de gatas borralheiras em cinderela por quinze minutos de fama-, há que referir a competência com que Xuxa se comunica com os teenagers, “baixinhos” e respectivos pais, mães e tias, competência que permite endereçar seu show ora para uns, ora para outros, ou talvez sempre e para todos. (FISCHER, 2003, P.79)

O compromisso de acompanhar as programações midiáticas e, principalmente, televisivas é uma realidade que vem crescendo diariamente. As programações com seus horários fixados de forma que deixam seus telespectadores sem tirar os olhos da tela da TV, transmitem uma realidade que eles gostariam de ter. Ao se referir às telenovelas Melo (1988) diz que “Criar impressão de que o fictício convive com o cotidiano é uma constante nas novelas brasileiras das oito da Rede Globo de Televisão”. (MELO, 1988, p.52).

Que consequência isto pode trazer para uma população que segundo pesquisa realizada, pelo Instituto Vox Populi em junho de 2006, 58% dos entrevistados declaram

ter a televisão como sua principal fonte de informação. No Brasil, ao contrário de nações com população basicamente alfabetizada, e que tiveram o seu primeiro produto cultural, livros de bolso, a nossa continua sem o domínio da leitura e escrita, mas firma compromisso com imagens da televisão para entretenimento, informação e alienação. Penteado (1991) em seu estudo afirma o que mencionamos acima ao observar que “Os sujeitos da escola são telespectadores de muitas horas diárias de exposição à TV” (PENTEADO, 1991, p.99). Associando-se a esta autora estudos mostram a veracidade desta situação, quando pesquisas avaliam a capacidade de interpretação, argumentação e críticas dessas pessoas que acabam se tornando alienadas vivendo numa realidade ditada pelas diversas mídias.

Este tema tem sido motivo de discussão para alguns autores (CHAGAS 1996, PENTEADO 2000, FISCHER 2003 e GONNET 2004) que pesquisam a mídia e sua forma de recepção diante dos sujeitos da escola. Nesses estudos os autores chamam a atenção para as causas e consequências que as formas de comunicação trazem para o cidadão, podendo causar sequelas, muitas vezes, irreversíveis.

A escola de Frankfurt<sup>3</sup> realizou estudos sobre a massificação da mídia e a indústria cultural, e afirma que é esta massificação a responsável, pela enxurrada de diversões que provocam a alienação nos telespectadores e os idiotizam diante do capitalismo e da sociedade de consumo. E dessa forma, incutem a conformidade às necessidades de diversão e distração aos grupos de consumidores com nível de formação considerado baixo, quando poderiam lhes oferecer o contrário.

Em estudo realizado por Martino e França (2001) os autores afirmam que foram os pensadores da Escola de Frankfurt os primeiros a ver que, em nosso século a escola, a assim como a família estão perdendo sua influência socializadora para as empresas de comunicação. (Idem, p.139).

Em seu estudo (GONNET 2004, P. 50) também faz críticas à escola atual em relação ao seu papel, ao afirmar que é dever da instituição escolar ensinar o aluno ser um “espectador ativo, um explorador autônomo e um autor da comunicação midiática”. Em outras palavras, diz que a escola ao invés de chamar atenção para isso, acaba por compactuar com a grande mídia.

---

<sup>3</sup> A escola de Frankfurt inaugurou o estudo crítico da comunicação nos anos 1930. A escola faz análise cultural dos textos e estudos de recepção pelo público dos efeitos sociais e ideológicos da cultura e das comunicações de massa.

A escola deveria propor às crianças discutir programas e idéias, bons ou maus, que lhe são apresentados. Ela deveria implementar programas pedagógicos que visassem a fazer das crianças telespectadores dotados de espírito crítico, e isto desde a mais tenra idade. Deixa-los utilizar os equipamentos de vídeo para fazer pequenos espetáculos e anúncios publicitários; para que as crianças se dêem conta por elas mesmas de que se pode facilmente deformar a realidade com uma câmara. (GONNET, 2004. p, 36)

Nessa expectativa, a escola aparece como reprodutora da política midiática, ao ignorar as diversas situações transmitidas pelos os meios de comunicação. Segundo Penteadó (1980) as escolas precisam se adequar para poder enfrentar a concorrência da grande mídia, atraente e de fácil acesso. “Não é mais possível, hoje em dia, interessar os alunos numa aula, quando se conta apenas com giz e lousa nas escolas”. (Penteadó, 1980, p.9). Em outro estudo a autora afirma que a formação de um telespectador crítico-construtivo poderia ser trabalhada no ambiente escolar, uma vez que a mesma é um espaço democrático.

Considerando a realidade de vida nossos alunos, hoje profundamente marcada pela experiência televisiva; que distinga ponto de partida de ponto de chegada, no trabalho escolar; que recorra à utilização da imagem e do processo dialógico, para a construção da consciência crítica do aluno... (PENTEADO, 1991, p. 08)

A defesa de Penteadó (1991) em relação ao uso da mídia na escola se mostra urgente diante de uma sociedade que se rende às programações midiáticas sem o mínimo de questionamento, aceitando suas regras e imposições. GONNET (2004) associa-se a Penteadó (1991) ao afirmar que a competência ideal que a escola deve contribuir para formar constituir-se em preparar a ação preventiva e alertar o jovem contra diversas formas de influências ou de manipulações midiáticas.

Ainda apoiada em GONNET (2004) vimos que este papel que era para ser exercido pela escola, não acontece e acaba por tornar os alunos acríticos das armadilhas da grande mídia. Quando na realidade deveria, segundo o autor tornar o aluno “apto a uma atitude criativa em face das mídias, isto é, capaz de se apropriar de um máximo de informações originais a partir de uma visão pessoal de qualquer tipo de documento midiático”. (GONNET 2004, p. 54)

A atitude da escola, ainda segundo o autor, deveria começar desde a infância, precisamente, aos 5 anos e seguir até a idade adulta.

A partir dos 5 anos, a escola torna-se o lugar de uma socialização que se traduz pelas múltiplas formas...se a escrita e a leitura mobilizam a energia do professor e da família por sua simbologia muito forte( o acesso à nossa cultura), as atividades de descoberta a partir das técnicas audiovisuais parecem particularmente adaptadas par a uma idade que se define por ser um “período operatório concreto”... de 8 a 12 anos, a criança se integra socialmente. Ela descobre os códigos, as linguagens, imita os adultos em seus diferentes papéis, mas busca também superar esta imitação... por volta dos 15 anos assisti-se as perturbações essenciais na relação dos jovens com o mundo. “Eles se ligam de bom grado a imagens dos ‘modelos’ sociais difundidos pelas mídias”. (GONNET, 2004, P. 54 e 55).

Neste sentido, percebemos que a primeira infância é muito importante para o desenvolvimento do adulto, pois é nesta fase que os primeiros contatos sociais vão contribuir para vida posterior. Para Gonnet (2004) neste período,

A educação aparece então insensivelmente como um lugar de negociação de conflitos de interesse, de conflito de valores. Aquisições e frustrações são indissociáveis de seu processo. Elas dizem respeito aos elementos físicos (aprendizagem corporais), sociais (comportamento com os outros) e mentais (valores, moral, religião) e se estendem por um tempo longo (...) (GONNET, 2004, P. 21).

Diante dessa discussão, este estado da arte, ancorado na temática deste projeto; “O papel da Mídia e da Escola na construção da identidade do aluno jovem e adulto negro pontos de encontro e desencontro”, objetiva construir um quadro sobre estudos já produzidos sobre; mídia, educação e identidade racial. Segundo, Ferreira (2002) pesquisas denominadas estado da arte são,

Definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que forma e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses

de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários. (FERREIRA, 2002, p. 258)

Douglas Kellner (2001) apresenta em seu livro “Cultura da mídia” um amplo debate sobre o poder da mídia, em particular o de modelar os indivíduos. Nessa obra, um dos seus principais temas trata sobre o modo de como as culturas veiculadas pelas diversas mídias influenciam as pessoas a se identificarem com as ideologias, posições, representações sociais e políticas dominantes. Para o autor, a cultura da mídia, também fornece o material com que muitos indivíduos constroem o seu senso de classe, de etnia e raça (...) (KELLNER, 2001, p. 9-11).

Fisher (2003) ressalta a relevância da Televisão (TV) e seu poder de influência nas pessoas, e conseqüentemente, dos alunos que acabam levando para escola o que a imagem televisiva mostra e determina.

Segundo a discussão de Ferreira (2006), a educação para a relação étnico racial é aquela em que os alunos negros e brancos ao passarem pela educação básica, questionem a si mesmo e estejam dispostos a mudar suas posturas discriminatórias, reconheçam as diferenças e compreendam como estas foram transformadas em desigualdades nas relações de poder e dominação.

Em outro estudo realizado por Ferreira (2008) em diálogo com Hutz (1988) ressaltam que o estereótipo em relação à pessoa negra já vem desenvolvendo, em crianças, na fase inicial da vida escolar. Pois em pesquisa realizada, por Hutz (1988), com crianças brasileiras entre 4 e 6 anos, com relação a sua cor, concluiu que determinados personagens narrados às crianças negras/brancas, acabam desenvolvendo um viés pró-branco. Pois estes personagens que vão para dentro da escola, levados pela mídia refletem a condição privilegiada que os brancos ocupam.

Em outro estudo, Gomes (2008) dialogando com Santos (1996) e Ferreira (2006) chama a atenção para a auto identificação da pessoa negra, ou seja, para reconhecer-se como negro. Para ele ser negro não deveria ser motivo de vergonha, negação ou racismo, mas de valorização e respeito. E seria na escola que crianças, adolescentes, jovens e adultos negros e brancos deveriam receber esta orientação.

Câmara e Moreira (2008) no estudo “Reflexão sobre currículo e identidade implicação para a prática pedagógica” debatem sobre a importância da escola na discussão crítica da mídia, mediante seu poder de influência no indivíduo. Dessa forma, os autores afirmam que durante nossa vida nos identificamos com diferentes pessoas grupos com quem temos maiores contatos, “construímos nossas identidades, que se

formam mediante os elos (reais e imaginários) estabelecidos com pessoas, grupos, personalidades famosas, personagens de obras literárias, personagens da mídia” (CÂMARA e MOREIRA, 2008, p. 41). Para os autores algumas estratégias desenvolvidas pela escola podem mostrar que os diferentes meios de comunicação fazem apelo para que configuremos nossa identidade de acordo critérios estabelecidos por ela. “Para a criança branca, de classe média, os padrões apresentam-se de dado modo. Para a criança negra, das camadas populares, os modelos e as possibilidades de escolha são bastante distintos.” (*Idem*, p. 51). Percebem os autores, dessa forma, que tanto para a criança negra quanto a branca, o consumismo, individualismo, conformismo, eficiência, entendidos e vividos de forma diferente, afiguram-se os valores identitários supremos.

Ao mapear, no período de 2000 a 2011, algumas produções científicas nacionais, através das publicações da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (Anped), em específico nos Grupos GT 16-Educação e Comunicação, e GT 21 em Educação Étnico-racial foi possível identificar trabalhos que relacionam mídia, educação e identidade. Foram encontrados cinco trabalhos, três no GT 21 e dois no GT 16.

Já ao mapear publicações em outras fontes como a Scielo foi encontrado apenas 01 trabalho que se aproximou do tema da pesquisa em questão, na BDTD-UFPE, 02 pesquisas, CAPES 03 dissertações se aproximaram da temática.

Encontramos no GT de Educação Étnico-racial pesquisas que não discutem, especificamente, sobre a temática deste trabalho, mas se aproximam ao questionar a representação da pessoa negra no discurso das diversas mídias e como a escola lida com estas representações. O trabalho de Silva (2005), “Racismo Discursivo Na Mídia: Pesquisas Brasileiras e Movimentação Social” tem como objeto os discursos midiáticos brasileiros sobre negros e brancos. Referindo-se ao termo mídia num sentido amplo, compreendendo a produção cultural de massa, em diversas formas e meios. O autor ainda busca sistematizar o que apreendeu em estudos e pesquisas que tratam de discursos sobre os grupos raciais negros e brancos na mídia brasileira, organizando a síntese em três grandes tópicos: a) panorama de pesquisas e estudos brasileiros sobre negros e brancos na mídia; b) combatendo o discurso racista na mídia; c) resultados de estudos sobre negros e brancos na mídia brasileira.

Ainda no GT 21 encontramos a pesquisa de Passos (2006) intitulada “Jovens Negros: Trajetórias escolares, desigualdades e racismo”. O autor faz algumas reflexões

sobre a necessidade de se desenvolver pesquisas que tratem sobre a juventude negra e sua relação com escola como problemática. Reflexões estas a partir de análise de entrevistas realizadas em turmas de EJA, com finalidade de analisar as trajetórias escolares de jovens negros com o objetivo de compreender que papéis estes atribuem à escolarização em suas vidas.

Em sua pesquisa “Construção da identidade dos alunos negros e afro-descendentes: alguns aspectos”. Souza (2005) traz para o debate as relações que podem ser feitas entre o conceito de identidade, e alguns elementos constitutivos da construção da identidade da população negra e afro-descendente brasileira, no contexto escolar.

No GT 16 foram encontrados dois trabalhos, um deles o resultado de uma pesquisa realizada por Fischer (2000) “Uma Análise Foucaultiana da TV: das estratégias de subjetivação na cultura”, cujo objetivo foi caracterizar o “dispositivo pedagógico” da mídia, em particular a televisão, julgando que os meios de comunicação constroem significados e atuam, decisivamente, na formação dos sujeitos sociais. Para tal estudo a autora analisou 66 produtos televisivos, entre comerciais, seriados e telenovelas, tendo seus referenciais Michel Foucault e seus conceitos de discurso, sujeito e “técnicas de si”, além de algumas reflexões sobre a TV. Este estudo confirma que na própria materialidade discursiva da televisão vivem e transpiram práticas e saberes atrelados a sofisticadas relações de poder, os quais participam efetivamente da produção de sujeitos, da constituição de identidades de criança, menino, menina, mulher, homem, aprendiz, negros, índios, jovens e adultos, brancos, operários, médicos, traficantes, modelos, artistas e assim por diante (FISCHER, 2000, p. 09).

Por fim, o estudo de Fantin (2005) intitulado “Novo olhar sobre a Mídia-Educação”, que discute sobre mídia e escola e chama atenção para a necessidade de construir significados que permitam aos sujeitos situarem-se e organizarem-se no mundo a sua volta, e que a visão desarticulada dos acontecimentos na mídia junto à fragmentação da escola, dificulta tal construção. E isso implica numa reflexão sobre a relação de mídia e escola.

No site da Scielo o único trabalho encontrado “Interpretações sobre os Retratos dos Afrodescendentes na Mídia de Massa”, que examinou as interpretações deste grupo representados na mídia, assim como os sentimentos que neles desencadeavam e como agiam diante das imagens percebidas. Para tal pesquisa, a autora realizou entrevista em profundidade e análise do discurso. Acevedo (2008) chegou a algumas conclusões em seu estudo: a) os retratos dos afrodescendentes na mídia refletem o racismo que permeia

a sociedade; b) as imagens estão impregnadas por estigmas sociais operacionalizados pela omissão e por papéis desvalorizados. Observou também que: c) os estigmas conseguem “feri-los”; d) os entrevistados descontroem as imagens percebidas e não se identificam com elas.

Dando continuidade ao mapeamento fomos ao site da CAPES, onde identificamos 03 pesquisas: “Narrativas do Negro na TV:o que dizem as crianças?”, onde o autor discute os processos de recepção vivenciados por crianças tendo por referência televisivas sobre a pessoa negra. Para obter os elementos conclusivos, Sousa (2009), realizou pesquisa com 62 crianças de 09 a 12 anos de uma escola pública mineira e partiu pressuposto de que as crianças estabelecem uma relação ativa com a TV e das narrativas, historicamente, marcada pela ausência e apresentação em segundo plano. Como elementos conclusivos, Sousa (2009) constatou, entre outras, que “As crianças explicam pela via do preconceito racial a pouca presença do negro na TV”. Dessa forma, as crianças fazem uma leitura negativa, diante da constituição do que é ser negro, numa sociedade midiaticizada que reserva um lugar de inferioridade para a pessoa negra.

Outra pesquisa encontrada foi “Negros e negras na publicidade televisiva- Na ótica das educadoras negras da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte.” Diogo (2005) investigou se as educadoras negras de Belo Horizonte faziam uso da mídia para perceber a representação social de negros. A metodologia utilizada foi grupo focal com 14 professoras negras que falaram de alguma situação de racismo em sua vida e a importância da mídia na educação escolar. O resultado da pesquisa concluiu que as professoras passaram por situações parecidas em relação ao racismo, tanto quando crianças, quanto na idade adulta e em específico como professoras. Além de perceber que a mídia é pouco utilizada em sala de aula para refletir sobre a visão estereotipada do negro e negra na sociedade.

Na BDTD-UFPE, os trabalhos encontrados, os quais se repetiram em outros sites de pesquisas consultados (Anped e Capes) discutem sobre identidade racial e educação de Jovens e Adultos, mas se aproximam muito pouco da temática em questão, pois a mídia, e sua influência, não são citadas em nenhum nos resumos analisados.

Esses estudos nos levaram a refletir sobre a problemática da relação mídia e escola no processo de identidade racial, afinal, os alunos enquanto espectadores de programas midiáticos estão expostos a processos identitários, o que justifica a necessidade de estudos nessa temática, mas o que observamos foi ausência de pesquisas

nessa área. Sabemos, pois, que tais estudos, de fato, podem contribuir na compreensão de como as questões de identidade de raça são vistas na escola, como a escola lida com esse assunto e de que forma a mídia e escola podem contribuir para a autonegação identitária do ser negro.

Neste sentido, realização desse estado da arte nessa temática foi de grande contribuição, pois além de proporcionar mais conhecimento, concluímos que se faz urgente produção acadêmica na temática do pré-projeto em questão.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE UMA PESQUISA EM CURSO**

Bogdan & Biklem(1994) em diálogo com Psathas (1973) afirmam que os investigadores qualitativos estão continuamente a questionar os sujeitos de sua investigação, objetivando perceber o que eles experimentam, o modo como eles interpretam as suas experiências e o modo como eles próprios estruturam o mundo social em que vivem (BOGDAN & BIKLEM, 1994, p. 51).

Além dessa característica, a abordagem qualitativa exige que tudo seja examinado com a idéia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista a fim de estabelecer uma compreensão que esclareça com mais precisão do nosso objeto de estudo. Tudo é questionado e não escapa à avaliação, pois a descrição utilizada na abordagem qualitativa funciona como método de recolher dados, quando se pretende que nenhum detalhe escape (BOGDAN & BIKLEM,1994, p. 49).

### **Sujeitos da Pesquisa**

Os sujeitos dessa pesquisa serão alunos de turma de Educação de Jovens e Adultos. Uma vez que estas turmas as quais esses alunos e essas alunas fazem parte são constituídas em sua maioria de pessoas afro-descendentes, muito embora essa identidade não seja afirmada por todos. Nesse sentido, a escolha será feita a partir de um convite a todos que se dispõem a ser entrevistados, ou seja, são representativos do ponto de vista racial naquelas duas turmas.

### **Entrevista em Profundidade e Análise de Conteúdo**

Na entrevista em profundidade há uma permanente interação entre entrevistado e entrevistador. Segundo Szymanski (2004) é fundamental uma interação humana. Nessa interação estão em jogo às percepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, preconceitos e interpretações para os protagonistas: entrevistador e entrevistado. Quem entrevista tem informações e procura outras, assim como aquele que é entrevistado

também processa em conjunto de conhecimentos e pré-conceitos sobre o entrevistador, organizando sua respostas para aquela situação. (SZYMANSKI, 2004, p.12).

Já a análise de conteúdo exige que as descobertas tenham importância teórica. Uma informação meramente descritiva não relacionada a outros atributos ou às características do emissor é de pequeno valor. Um dado sobre o conteúdo de uma mensagem deve, necessariamente, estar relacionado, no mínimo, a outro dado (FRANCO 2005, p. 16).

## **RESULTADOS ALCANÇADOS ATÉ O MOMENTO**

O enfoque teórico, associado aos achados a partir revisão bibliográfica, permitiu responder a algumas indagações da pesquisa em curso. Confirmando questões que veem sendo refletidas pelos movimentos sociais de afirmação de raça e alguns estudiosos da temática como (FISCHER, 2003, SCHWARCZ, 2001, KELLNER, 2001, MUNANGA, 1999, SODRÉ, 1996).

Podemos dizer que até o momento a pesquisa nos revelou os seguintes aspectos:

1. O cotidiano de homens e mulheres negros pode estar recheado de vivências de situações de preconceitos, muito embora, em relações aparentemente cordiais, disfarçadas em apelidos, piadas, subterfúgios nas relações familiares e de grupos sociais, geradores de tristeza, sofrimento, autonegação identitária.
2. Em relação à escola, esta, é percebida como um dos lugares de formulação das identidades dos sujeitos, uma vez que esta pode ser considerada como um espaço de construção e desconstrução de identidades. Através de brincadeiras entre os colegas brancos, mestiços, ou mesmo negros, os enunciados do racismo, do preconceito se fazem presentes influenciando as aspiração sociais e culturais.
3. Com relação à mídia foi possível observar que é um dos espaços para se aprender qual é o lugar do homem negro e da mulher negra na sociedade e quais papéis que podem representar. A invisibilidade da pessoa negra e sua representatividade são negativas na grande mídia e podem, para a pessoa negra, contribuir para uma não aceitação do seu grupo étnico, ou seja, uma negação da sua própria identidade.
4. Um aspecto fundamental aparece, que é a autonegação identitária, produzida em uma relação de racismo disfarçado, utilizando elementos como os discursos não-ditos, implícitos.

É importante ressaltar, que só foi possível perceber essas questões, pelo uso do estudo bibliográfico.

Este estudo, até o momento, nos leva a reconhecer seus limites, e ao mesmo tempo, suscita o desejo de desenvolvimento de outras pesquisas que possam dar mais elementos para se entender as formas articuladas entre escola e mídias na formação de identidade de raça.

## **REFERÊNCIAS**

- BOGDAN, Robert C, e BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em educação: uma introdução á teoria e aos métodos**. Porto: porto Editora, 1994.
- CARVALHO, Rosângela Tenório de Carvalho. **Discursos pela interculturalidade no campo curricular da Educação de Jovens e Adultos no Brasil nos anos 1990**. Recife: Bagaço, 2004.
- CHAGAS, Conceição Correa das. **Negro: Uma identidade em construção : dificuldades e possibilidades**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- COSTA, Marisa Vorraber. **Caminhos investigativos II: Outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Caminhos investigativos: novos olhares na Pesquisa em Educação. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007.
- \_\_\_\_\_. (org) **Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. 2ª ed. Revista – São Paulo: Global, 2007.
- FERREIRA, Ricardo Franklin. **A construção da identidade do afro-descendente: A psicologia Brasileira e a Questão racial**. In. BACELAR, Jeferson e CAROSO, Carlos. (org.) Brasil: Um país de negro? Rio de Janeiro, Pallas, 2007.
- \_\_\_\_\_. Ricardo Alexino. **Negro midiático: construção e desconstrução do afro-brasileiro na mídia impressa**. Revista Usp, São Paulo, SP , n. 62, p. 80-91, mar.-maio 2006
- FISCHER, Rosa Maria. **Televisão e educação: Fruir e pensar a TV**. Belo Horizonte: Autêntico, 2003.
- GONNET, Jacques. **Educação e Mídia**. São Paulo. Edições Loyola, 2004.
- HALL, STUART. **A identidade Cultural na pós-mordenidade**. -11 ed. - Tradução por Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: Identidade e política entre o moderno e o pós-moderno.** Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- MOORE, Carlos. **Racismo & Sociedade: Novas bases epistemológicas para entender o racismo.** \_ Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.** Petrópolis: Vozes, 1999.
- MELO, José Marques de. **As telenovelas da globo: Produção e exportação.** 1. ed. São Paulo: Summus, 1988.
- MOREIRA, Antônio Flávio/ CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo: Diferenças culturais e práticas pedagógicas.** \_ Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- SODRÉ, Muniz. **A máquina de narciso: Televisão, indivíduo e poder no Brasil.** 2. ed. São Paulo: Cortez Editora e Livraria Ltda. 1990.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em preto e branco. Jornais escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX.** Companhia da Letras. São Paulo, 2001.
- SZYMANSKI, Heloisa (org.), ALMEIDA, Laurinda Ramalho e PRADINI, Regina C. Almeida Rego. **A entrevista na pesquisa em educação e prática reflexiva.** Brasília. Líber Livros Editora, 2004.